

**DESCRIÇÃO DO PERFIL DA ENFERMAGEM NO ESTADO DE SÃO PAULO<sup>1</sup>****Description of the Nursing profile in the state of São Paulo****GOES, Claudia Costa**

Universidade Cruzeiro do Sul

**MELO, Márcio Cristiano de**

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas/Unicamp

**ROLIM, Ana Carine Arruda**

Universidade Estadual do Ceará

**JACOB, Lia Maristela da Silva**

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem/Unicamp

**CABRAL, Elizabeth Regina de Melo**

Faculdade São Leopoldo Mandic de Campinas

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo descrever o perfil dos profissionais de enfermagem no estado de São Paulo. Trata-se de um estudo ecológico e descritivo com dados da Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil". Observa-se maior concentração de profissionais do sexo feminino, a predominância de jovens adultos, a concentração de profissionais na capital, a influência da linhagem familiar na escolha da profissão, a baixa escolaridade de profissionais de enfermagem de nível médio e a tendência da equipe em se especializar na área. Dentre os aspectos influenciados pela atual situação do mercado de trabalho, destaca-se a carga excessiva de trabalho, acesso a tecnologias da informação para adquirir conhecimento e maior concentração de profissionais em instituições empregadoras públicas. Conclui-se que é necessário conhecer de forma sistemática, ampla e detalhada essa profissão essencial ao setor saúde, que traz consigo o maior contingente técnico do conjunto da força de trabalho em saúde do Brasil.

**Palavras-chaves:** Enfermagem; Profissionais de Enfermagem; Recursos Humanos de Enfermagem; Equipe de Enfermagem; Análise de Dados

**ABSTRACT:** This study aims to describe the profile of nursing professionals in the state of São Paulo. This is an ecological and descriptive study with data from the survey "Profile of Nursing in Brazil". There is greater concentration of female professionals, the predominance of young adults, the concentration of professionals in the capital, the influence of family lineage in the profession choice, the low education of mid-level nursing professionals and the tendency of staff to specialize in

---

<sup>1</sup> Artigo extraído do trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Saúde do Trabalho intitulado "Descrição do resultado parcial da pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil", no âmbito do Estado de São Paulo" da Universidade Cruzeiro do Sul, Polo Santos-SP.

area. Among the aspects that are influenced by the current labor market situation, we can highlight the excessive workload, access to information technologies to acquire knowledge and greater concentration of professionals in public employment institutions. We conclude that it is necessary to know in a systematic, comprehensive and detailed this essential profession to the health sector, which brings with it the biggest technical contingent of the whole workforce in health in Brazil.

**Key-words:** Nursing; Nurse Practitioners; Nursing Staff; Nursing, Team; Data Analysis

## INTRODUÇÃO

Dentre os vários tipos de atividades profissionais exercidas pelo homem, o trabalho da Enfermagem foi eleito como foco de atenção do estudo ora realizado. Considerando que os profissionais de enfermagem consistem na maior força de trabalho inserida na área da saúde, sobretudo na assistência de nível hospitalar (MACHADO et al, 2012).

O setor saúde é um ramo importante na economia brasileira, ela representa 4,3% dos 90,9 milhões de postos de trabalho ocupados no país, gerando mais de 10% da massa salarial do setor formal e em torno de 3,9 milhões de postos de trabalho. Algumas tendências do setor analisadas por estudiosos nos anos de 1980 e 1990 mostraram uma configuração específica da área: a grande concentração geográfica e social nas grandes capitais; crescente participação das mulheres na composição da força de trabalho; a hegemonia dos médicos e da enfermagem na equipe na composição da força de trabalho da saúde; os baixos salários no setor; o assalariamento e a perda das condições de trabalho na saúde, degradando a qualidade de vida do trabalhador da saúde. Esses estudiosos já apontavam, à época, mudanças importantes para o setor (DONNANGELO, 1975; MÉDICI et al., 1992).

A pesquisa sobre o Perfil da Enfermagem, realizada em aproximadamente 50% dos municípios brasileiros e em todos os 27 estados da Federação, inclui desde profissionais no começo da carreira (auxiliares e técnicos, que iniciam com 18 anos; e enfermeiros, com 22) até os aposentados (pessoas de até 80 anos) (FIOCRUZ, 2016).

O Brasil conta com mais de 1,8 milhão de profissionais de enfermagem. Dentre estes 18,69% são enfermeiros e 80,52% são auxiliares e/ou técnicos de enfermagem (COFEN, 2011). O estado de São Paulo concentra cerca de 1/4

(497.490) dos profissionais de enfermagem do país, com 119.411 enfermeiros inscritos e 377.671 auxiliares e/ou técnicos em 2017 (COREN-SP, 2016).

Lançada em 2012, a pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil”, realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), com o apoio técnico, financeiro e político do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), da Federação Nacional dos Enfermeiros (FNE), da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde do Ministério da Saúde (SGTES/MS) e da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas/OMS), entrevistou profissionais em todo o território nacional, focalizando as características, as tendências e a importância significativa da equipe de enfermagem na organização e no desenvolvimento das atividades de saúde, seja no âmbito hospitalar ou na rede ambulatorial (MACHADO et al., 2012).

Vale destacar que, historicamente, dispomos de um primeiro estudo de abrangência nacional, de 1956/1958, ou seja, o Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem (ABEN, 1980). O segundo estudo sobre a enfermagem brasileira (COFEN, 1985), realizado por iniciativa do COFEN e da ABEN. Durante anos, esse estudo se manteve como fonte de referência imprescindível nos estudos, análises, e na compreensão da enfermagem brasileira. Contudo, para os dias atuais, não corresponde à realidade da sua situação no cenário nacional.

Estudo realizado em 2006 também constitui referência na análise da enfermagem brasileira comparada com a enfermagem dos demais países do Mercosul, no que tange recursos humanos, formação, regulação profissional e mercado de trabalho em saúde (BRASIL, 2006).

O presente estudo teve como objetivo descrever o perfil dos profissionais de enfermagem utilizando dados da Pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil”, no âmbito do Estado de São Paulo.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo ecológico e descritivo, cujo desenvolvimento apoiou-se na análise documental. Para Gil (1999), a análise documental diz respeito a uma técnica em que as fontes utilizadas, os documentos, ainda não sofreram tratamento analítico (chamados documentos de primeira mão, que são: documentos oficiais, relatórios, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, entre

outros). Ou ainda aqueles documentos que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Essa técnica se difere da pesquisa bibliográfica somente pela natureza das fontes.

A Pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil” buscou caracterizar, por meio de um levantamento amostral, o contingente de enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem em atividade no país focando os aspectos sociodemográficos, formação profissional e acesso à informação técnico-científica, o mundo do trabalho e aspectos político-ideológicos. Para isso, se baseou nos dados de todas as unidades da federação, e posteriormente, de cada região brasileira, para então traçar o Perfil da Enfermagem no Brasil. A pesquisa abordou Grupos Temáticos (GT), os quais estão em processo de construção, cujos produtos serão apresentados pelos pesquisadores e órgãos responsáveis divididos em: GT 1 - Conformação da profissão de Enfermagem; GT 2 - Regulação do Trabalho em Saúde - Enfermagem; GT 3 - Formação e Educação profissional; GT 4 - Mercado de trabalho e a Enfermagem; GT 5 - Migração, MERCOSUL e Integração Regional; GT 6 - Promoção e Saúde do trabalhador de Enfermagem; GT 7 - Organizações corporativas; e GT 8 - Enfermagem nas grandes instituições empregadoras (FIOCRUZ, 2012).

A análise do presente estudo refere-se ao GT 1, que teve a divulgação parcial dos dados obtidos, os quais não foram enviados em sua totalidade, mesmo após solicitação formal. Ante o exposto, serão trabalhados apenas os dados divulgados pelo COREN-SP.

A população de análise foi constituída por todos os enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, denominados Equipe de Enfermagem (EE). Adotou-se como descritor do universo o cadastro desses profissionais inscritos em todos os Conselhos Regionais de Enfermagem, totalizando 1.449.569 profissionais de enfermagem em âmbito nacional, na época do lançamento do projeto. Destaca-se, no entanto, que foram excluídos os 7.056 registros que estavam em branco, o que resultou em 1.442.513 profissionais pesquisados (MACHADO; STIEBLER; OLIVEIRA, 2012).

Salienta-se que as parteiras, obstetrias e atendentes de enfermagem também constituem profissionais de enfermagem, sendo desconhecido o motivo de não terem sido contemplados na pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil”.

Atualmente, estão cadastrados no COREN-SP, 220 obstetrias e 188 atendentes de enfermagem (COREN-SP, 2017).

A seleção da amostra foi pelo método de amostragem estratificada. A população foi dividida em 54 estratos constituídos pela combinação entre as 27 unidades da federação e as duas categorias profissionais (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem). A amostra é constituída pelas seguintes variáveis: sexo, idade, localização geográfica (capital/interior) e a proporção de profissionais por estados (MACHADO; STIEBLER; OLIVEIRA, 2012).

Os dados da pesquisa foram coletados através de um questionário específico enviado pelo COFEN aos sujeitos selecionados na amostra, considerando as três categorias de enfermagem. O instrumento contém questões abertas, semiabertas e fechadas com código de respostas, e está dividido em 7 blocos: bloco 1 - identificação socioeconômica; bloco 2 - formação profissional (enfermeiros); bloco 3 - formação profissional (auxiliares e técnicos de enfermagem); bloco 4 - acesso à informação técnico-científica; bloco 5 - mercado de trabalho; bloco 6 - satisfação no trabalho e relacionamento; e bloco 7 - participação sócio-política (MACHADO; STIEBLER; OLIVEIRA, 2012). Para o desenvolvimento deste, analisamos os dados divulgados nos blocos 1, 2, 3,4 e 5.

A participação dos sujeitos no preenchimento do questionário foi voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e garantia do anonimato. O questionário foi disponibilizado para ser respondido através de envio por correio sem custo ao participante, e nos sites das Instituições (Fiocruz, Cofen, ABEn e FNE), nos níveis nacional e regionais (MACHADO; STIEBLER; OLIVEIRA, 2012).

Os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas podem servir de base a uma outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou praticadas graças a técnicas diferentes (SAMARA & TUPY, 2007). Os dados foram descritos em tabelas construídas com o auxílio do software Excel 2013 para Windows. A comparação de proporcionalidade entre as categorias profissionais baseou-se nos testes qui-quadrado e Exato de Fisher (para categorias com  $n \leq 5$ ) com nível de significância de 0,05.

O presente trabalho não necessitou de apreciação em Comitê de Ética por se tratar de uma pesquisa retrospectiva com uso de dados secundários e de livre acesso.

## RESULTADOS

Nos resultados parciais divulgados em maio de 2015, a Região Sudeste representa mais da metade (55,6%) da amostra, seguido de 17,6% da Região Nordeste, 13,2% da Região Sul, 7,7% do Norte e 6,3% do Centro-Oeste do país.

Participaram da pesquisa um total de 453.665 profissionais no estado de São Paulo, sendo 23,2% (n = 105.438) enfermeiros e 76,8% (n = 348.227) auxiliares/técnicos de enfermagem (Tabela 1).

### BLOCO 1: IDENTIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA

Dos profissionais de enfermagem entrevistados, 98,5% (n = 448.830) possuem nacionalidade brasileira, sendo 83,3% (n = 377.903) profissionais declarados do sexo feminino. É importante ressaltar, no entanto, que mesmo tratando-se de uma categoria prioritariamente feminina, registra-se a presença de 15,7% (n = 71.225) de homens, valor acima da média nacional de 14,4% (Tabela 1).

Verifica-se na Tabela 1, uma prevalência de jovens adultos até 40 anos de idade, representando 64,4% (n = 292.160) da população total de estudo. 12,3% dos enfermeiros (n = 12.969) e 9,2% (n = 32.037) dos auxiliares/técnicos estão em desaceleração da vida profissional, ou seja, com 51 a 60 anos de idade. Profissionais totais iniciando a vida profissional (até 25 anos de idade) representam 6,2% da amostra (n = 28.127) e 1,5% (n = 6.805) estão em fase de aposentadoria, com mais de 61 anos.

Dentre os entrevistados, 73,5% (n = 77.497) dos enfermeiros e 62,8% (n = 218.687) dos auxiliares/técnicos de enfermagem são naturais de São Paulo. Os profissionais migraram, em sua maioria, de Minas Gerais, Bahia, Paraná e Pernambuco. Mais da metade da equipe de enfermagem, 62,4% (n = 283.087) se concentra na Capital. Quanto à etnia, 71,1% (n = 74.966) dos enfermeiros e 49,8% (n = 173.417) dos auxiliares/técnicos de se declararam brancos, e verifica-se diferença de proporção entre as categorias pelo teste estatístico ( $p < 0,05$ ) (Tabela 1). A parcela dos entrevistados com linhagem de enfermagem na família é representada por 49,2% (n = 51.728) de enfermeiros e 47,5% (n = 165.408) de auxiliares/técnicos.

**BLOCO 2: FORMAÇÃO PROFISSIONAL (ENFERMEIROS)**

A maioria dos enfermeiros, 68% (n = 71.698) declarou ter se graduado em instituições privadas, sendo 29,6% (n = 31.210) com menos de cinco anos de formado. Com relação à região brasileira de formação, 93,4% (n = 98.479) se graduaram na Região Sudeste, dos quais 90,4% (n = 95.316) no estado de São Paulo. Os cursos com modalidade integral foram responsáveis pela formação de 36% (n = 37.958) dos profissionais graduados, seguido de 35,7% (n = 37.641) em cursos diurnos (Tabela 2). Ao serem questionados sobre ter cursado outra graduação, 8,4% (n = 8.857) dos entrevistados disseram que sim, sendo 22,7% (n = 2.010) nas áreas de Direito e Administração, e, 42,7% (n = 45.022) realizaram o curso de Auxiliar ou Técnico de Enfermagem, dos quais 90,2% (n = 40.609) haviam exercido esta profissão antes da graduação.

Grande parte dos enfermeiros, 80,8% (n = 85.194) cursaram pós-graduação, dos quais 78,6% (n = 66.962) na modalidade *lato sensu*, e 21,4% (n = 18.232) *stricto sensu* (quase metade em Mestrado Acadêmico) (Tabela1). Do total de enfermeiros Pós-Graduados, 46,5% (n = 49.029) têm título de especialista.

**BLOCO 3: FORMAÇÃO PROFISSIONAL (AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM)**

Com relação ao nível de escolaridade, 91,7% (n = 319.324) possui ensino médio completo, destes 27,6% (n = 96.111) com ensino superior incompleto e 10,3% (n = 35.867) com ensino superior completo. Os formados em instituições privadas de ensino técnico representam 75,6% (n = 263.260) dos entrevistados, e cerca de 35% (n = 121.879) possui mais de 10 anos de formado, e, 6,3% (n = 21.938) já atuam na área a mais de 21 anos (Tabela 2).

Observa-se na Tabela 2 que os auxiliares/técnicos formados na Região Sudeste representam 92,5% do total (n = 322.110), sendo 91,1% (n = 317.235) no Estado de São Paulo. A maioria, 49,2% (n = 171.328) estudou no período noturno, e 33,7% (n = 117.352) cursou capacitação profissional. Dentre estes, 49,6% (n = 58.207) cursaram algum tipo de atualização realizada ao exercício profissional, 30,2% (n = 35.440) aperfeiçoamento, e 20,2% (n = 23.705) uma especialização.

Do total de auxiliares/técnicos entrevistados no Estado de São Paulo, 30,9% (n = 107.602) cursaram nível superior, dos quais 80% (n = 86.082) em Enfermagem. A respeito da pretensão de continuar os estudos, 79% (n = 275.099) dos

auxiliares/técnicos de enfermagem afirmaram que pretendem dar continuidade aos estudos, indicando uma forte tendência à especialização e atualização na área.

**Tabela 1** – Distribuição dos profissionais enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem segundo variáveis socioeconômicas, São Paulo, Brasil, 2016.

		Enfermeiro (N = 105438)		Auxiliar/Técnico (N = 348227)		p- valor*	Total** (N = 453665)	
		Freq	%	Freq	%		Freq	%
Sexo	Masculino	13496	12,8	57457	16,5	0,305	70954	15,7
	Feminino	91309	86,6	286591	82,3		377900	83,3
	Sem informação	633	0,6	4179	1,2		4811	1,0
Faixa etária em anos	até 40	65688	62,3	226696	65,1	0,906	292384	64,4
	25 - 35	42492	40,3	142077	40,8		184568	40,6
	36 - 50	41648	39,5	142773	41,0		184421	40,7
	≥ 51	2109	2,0	4527	1,3		6636	1,5
Nacionalidade	Brasileira	104067	98,7	342655	98,4	0,976	446723	98,5
	Estrangeira	527	0,5	-	-		527	0,1
	Sem informação	844	0,8	5572	1,6		6415	1,4
Município de origem	Capital	37009	35,1	132326	38,0	0,087	169335	37,3
	Interior	45127	42,8	115960	33,3		161087	35,5
	Sem informação	23302	22,1	99941	28,7		123243	27,2
Naturalidade	São Paulo	77497	73,5	218687	62,8	0,681	296183	65,3
	Minas Gerais	4956	4,7	20894	6,0		25849	5,7
	Bahia	3058	2,9	12884	3,7		15942	3,5
	Paraná	2425	2,3	7313	2,1		9738	2,1
	Pernambuco	-	-	6965	2,0		6965	1,5
	Sem informação	17503	16,6	81485	23,4		98988	21,8
Estado civil	Solteiro	37009	35,1	113870	32,7	0,622	150879	33,3
	Casado	49240	46,7	147648	42,4		196888	43,4
	União Estável	8013	7,6	31689	9,1		39702	8,8
	Divorciado	7275	6,9	34474	9,9		41750	9,2
	Sem informação	3901	3,7	20545	5,9		24447	5,3
Local de residência	Capital	63474	60,2	219731	63,1	0,430	283205	62,4
	Interior	40594	38,5	119790	34,4		160384	35,4
	Sem informação	1371	1,3	8706	2,5		10076	2,2
Raça/Cor referida	Branca	74966	71,1	173417	49,8	0,000	248383	54,8
	Preta	19928	18,9	129889	37,3		149816	33,1
	Parda	5905	5,6	32733	9,4		38638	8,6
	Indígena	211	0,2	1045	0,3		1256	0,3
	Sem informação	4428	4,2	11143	3,2		15572	3,2
Total		105438	100,0	348227	100,0		453665	100,0

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*A estatística de qui-quadrado e exato de Fisher é significativa no nível 0,05 na comparação entre as distribuições de enfermeiros e auxiliares/técnicos. \*\*Todas as porcentagens são referentes aos valores totais por coluna de categoria profissional e total.

**Tabela 2** – Distribuição dos profissionais enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem segundo variáveis de formação profissional, São Paulo, Brasil, 2016.



		Enfermeiro (N = 105438)		Auxiliar/Técnico (N = 348227)		p-valor*	Total**** (N = 453665)	
		Freq	%	Freq	%		Freq	%
		Natureza da instituição formadora	Pública	26149	24,8		41787	12,0
	Privada	71698	68,0	263260	75,6	334957	73,8	
	Sem informação	7592	7,2	43180	12,4	50772	11,2	
Tempo de formado em anos	0 - 5	31210	29,6	98548	28,3	0,026	129758	28,6
	6 - 10	29944	28,4	94718	27,2		124662	27,5
	11 - 21	13391	12,7	99941	28,7		113332	25,0
	≥ 21	5377	5,1	21938	6,3		27316	6,0
	Sem informação	25516	24,2	33082	9,5		58598	12,9
Região de formação	Sudeste	98479	93,4	322110	92,5	0,696	420589	92,7
	Sul	2425	2,3	3134	0,9		5559	1,2
	Nordeste	1160	1,1	4527	1,3		5687	1,3
	Norte	422	0,4	1393	0,4		1815	0,4
	Centro-Oeste	316	0,3	1045	0,3		1361	0,3
	Sem informação	2636	2,5	16018	4,6		18654	4,1
Modalidade do curso	Integral	37958	36,0	-	-	0,000	37958	8,4
	Diurno	37641	35,7	112477	32,3		150119	33,1
	Vespertino	-	-	43528	12,5		43528	9,6
	Noturno	20033	19	171328	49,2		191361	42,2
	Sem informação	9806	9,3	20894	6,0		30699	6,8
Pós-Graduação	Sim	85194	80,8	-	-	Total	85194	80,8
	Não	20244	19,2	-	-		20244	19,2
						<b>Total</b>	<b>105438</b>	<b>100,0</b>
78,6% Lato Sensu (n = 66.962)**	Residência	4620	6,9	-	-	Total	4620	6,9
	Especialização	62342	93,1	-	-		62342	93,1
						<b>Total</b>	<b>66962</b>	<b>100,0</b>
21,4% Strictu Sensu (n = 18.232)**	Ms. Acadêmico	9626	52,8	-	-	Total	9626	52,8
	Ms. Profissional	2972	16,3	-	-		2972	16,3
	Doutorado	5032	27,6	-	-		5032	27,6
	Pós-Doutorado	602	3,3	-	-		602	3,3
						<b>Total</b>	<b>18232</b>	<b>100,0</b>
Escolaridade dos auxiliares/técnicos	1º grau incomp	-	-	696	0,2	Total	696	0,2
	1º grau comp	-	-	6268	1,8		6268	1,8
	2º grau incomp	-	-	12536	3,6		12536	3,6
	2º grau comp	-	-	187346	53,8		187346	53,8
	Superior incomp	-	-	96111	27,6		96111	27,6
	Superior comp	-	-	35867	10,3		35867	10,3
	Sem informação	-	-	9403	2,7		9403	2,7
						<b>Total</b>	<b>348227</b>	<b>100,0</b>
Capacitação dos auxiliares/técnicos	Sim	-	-	117352	33,7	Total	117352	33,7
	Não	-	-	230875	66,3		230875	66,3
						<b>Total</b>	<b>348227</b>	<b>100,0</b>
Modalidade do curso de capacitação***	Atualização	-	-	58207	49,6	Total	58207	49,6
	Aperfeiçoamento	-	-	35440	30,2		35440	30,2
	Especialização	-	-	23705	20,2		23705	20,2
						<b>Total</b>	<b>117352</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*A estatística de qui-quadrado e exato de Fisher é significativa no nível 0,05 na comparação entre as distribuições de enfermeiros e auxiliares/técnicos. \*\*A frequência e a porcentagem foram calculadas baseadas no total de respostas "sim" para Pós-Graduação. \*\*\*A frequência e a porcentagem foram calculadas baseadas no total de respostas "sim" para Capacitação dos auxiliares/técnicos. \*\*\*\*Todas as porcentagens são referentes aos valores totais por coluna de categoria profissional e total, com exceção para variáveis específicas de cada modalidade profissional.

**BLOCO 4: ACESSO À INFORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA**

As modalidades de aprimoramento mais frequentemente empregadas pela equipe de enfermagem são: 98,7% realizam leitura de livros e revistas (n = 447.971), 88,9% realizam cursos (n = 403.190), 87,6% fazem pesquisas na *internet* (n = 397.510). As modalidades menos utilizadas são: 62,0% nunca utilizaram o Telessaúde (n = 281.456), 36,4% raramente participam de grupos de estudos e pesquisa (n = 165.088) e 32,3% eventualmente foram à eventos científicos na Área da Enfermagem (n = 146.476) (Tabela 3).

Destaca-se a leitura frequente de revistas nacionais de enfermagem por 67,1% dos entrevistados (n = 304.470) e o fato de que 65,2% (n = 295.991) nunca leram uma revista internacional da área (Tabela 3), as categorias profissionais possuem distribuição diferente dentre essas variáveis (p < 0,05). O acesso diário à internet é feito por 69,3% dos entrevistados (n = 314.390), sendo 59,6% (n = 187.376) em casa e 17,2% (n = 54.075) no trabalho.

Observa-se na Tabela 3 que cerca de 50,3% da equipe de enfermagem (n = 228.179) realizou algum aprimoramento profissional nos últimos 12 meses. Na categoria dos enfermeiros, o percentual aumenta para 66,8% (n = 70.433). A intenção de fazer uma qualificação profissional está presente em 86,3% (n = 391.500) dos profissionais da equipe de enfermagem. O principal motivo para não o fazer são as condições financeiras, afirmado por 23,5% dos entrevistados (n = 106.774). A falta de apoio institucional foi citada por 11,2% (n = 11.809) dos enfermeiros que desejam se qualificar. Importante ressaltar que 18,9% (n = 19.928) dos enfermeiros desejam fazer Mestrado e 18,1% (n = 19.084) almejam cursar uma Especialização. Por outro lado, 44,2% (n = 153.917) dos auxiliares/técnicos de enfermagem desejam cursar uma atualização ou aperfeiçoamento, 21% (n = 73.128) desejam fazer uma especialização e 12,7%, (n = 43.528) a Graduação de Enfermagem.

**Tabela 3** – Distribuição dos profissionais enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem segundo variáveis de acesso à informação técnico/científica, São Paulo, Brasil, 2016.

		Enfermeiro		Auxiliar/Técnico		P-valor*	Total**	
		Freq	%	Freq	%		Freq	%
Participação em eventos na área da Enfermagem	Frequentemente	75494	71,6	153916	44,2	0,000	229410	50,6
	Raramente	27730	26,3	118745	34,1		146476	32,3
	Sem informação	2214	2,1	75565	21,7		77779	17,1
Estágios em Instituições de Saúde	Raramente	35427	33,6	115263	33,1	0,097	150690	33,2
	Nunca	51559	48,9	134416	38,6		185975	41,0
	Sem informação	18452	17,5	98548	28,3		117000	25,8
Grupo de Estudos e Pesquisas	Frequentemente	52297	49,6	122924	35,3	0,055	175221	38,6
	Raramente	35216	33,4	-	-		35216	7,8
	Nunca	-	-	109692	31,5		109692	24,2
	Sem informação	17924	17,0	115611	33,2		133536	29,4
Visitas Técnicas/Observação	Frequentemente	36798	34,9	100638	28,9	0,039	137435	30,3
	Nunca	29628	28,1	135460	38,9		165088	36,4
	Sem informação	39012	37,0	112129	32,2		151141	33,3
Uso de Internet	Frequentemente	99428	94,3	298082	85,6		397510	87,6
	Sem informação	6010	5,7	50145	14,4		56155	12,4
Telessaúde	Frequentemente	25832	24,5	-	-	0,007	25832	5,7
	Nunca	47447	45,0	234009	67,2		281456	62,0
	Sem informação	32159	30,5	114218	32,8		146377	32,3
Cursos	Frequentemente	96054	91,1	307136	88,2		403190	88,9
	Sem informação	9384	8,9	41091	11,8		50475	11,1
Leitura de Livros e Revistas	Frequentemente	99744	94,6	348227	100,0		447971	98,7
	Sem informação	5694	5,4	-	-		5694	1,3
Iniciativas do Sistema COFEN/COREN	Frequentemente	84350	80,0	-	-		84350	18,6
	Sem informação	21088	20,0	-	-		21088	4,6
Livros científicos	Frequentemente	79079	75,0	172372	49,5	0,000	251451	55,4
	Raramente	-	-	130933	37,6		130833	28,8
	Sem informação	26360	25,0	44921	12,9		71281	15,7
Revistas nacionais de Enfermagem	Frequentemente	73596	69,8	230875	66,3	0,000	304470	67,1
	Raramente	-	-	107950	31,0		107950	23,8
	Sem informação	31842	30,2	9402	2,7		41244	9,1
Revistas internacionais de Enfermagem	Raramente	35216	33,4	-	-	0,000	35216	7,8
	Nunca	41437	39,3	254554	73,1		295991	65,2
	Sem informação	28785	27,3	93673	26,9		122458	27,0
Outras revistas técnico-científicas	Frequentemente	44600	42,3	-	-	0,000	44600	9,8
	Raramente	45971	43,6	151827	43,6		197798	43,6
	Nunca	-	-	108299	31,1		108299	23,9
	Sem informação	14867	14,1	88101	25,3		102968	22,7
Aprimoramento nos últimos 12 meses	Sim	70433	66,8	157747	45,3	0,000	228179	50,3
	Não	35005	33,2	190480	54,7		225486	49,7
Razões de não aprimoramento	Condição financ	19717	18,7	87057	25,0	0,395	106774	23,5
	Tempo/estímulo	17819	16,9	40743	11,7		58562	12,9
	Alto custo	19084	18,1	50841	14,6		69925	15,4
	Apoio Institucional	11809	11,2	35867	10,3		47676	10,5
	Dificuldad pessoais	11809	11,2	39698	11,4		51507	11,4
	Sem informação	25200	23,9	94021	27,0		119221	26,3
Desejo de fazer Qualificação	Sim	93418	88,6	298082	85,6	0,306	391500	86,3
	Não	12020	11,4	50145	14,4		62165	13,7

	Atualização	17186	16,3	79048	22,7		96234	21,2
	Aperfeiçoamento	14234	13,5	74869	21,5		89103	19,6
	Especialização	19084	18,1	73128	21,0		92212	20,3
	Grad em Enferm	-	-	43528	12,5		43528	9,6
Tipo de Qualificação desejada	Outra graduação	6432	6,1	21242	6,1	0,000	27674	6,1
	Mestrado	19928	18,9	14277	4,1		34205	7,5
	Doutorado	10017	9,5	10447	3,0		20463	4,5
	Pós-Doutorado	5588	5,3	6616	1,9		12205	2,7
	Estág/cursos no Ext	9595	9,1	14974	4,3		24569	5,4
	Estág em outra Inst	2741	2,6	10098	2,9		12839	2,8
	Sem informação	633	0,6	-	-		633	0,1
	Total		105438	100,0	348227	100,0		453665

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*A estatística de qui-quadrado e exato de Fisher é significativa no nível 0,05 na comparação entre as distribuições de enfermeiros e auxiliares/técnicos. \*\*Todas as porcentagens são referentes aos valores totais por coluna de categoria profissional e total.

## BLOCO 5: MERCADO DE TRABALHO

Com relação à situação profissional, 90,1% (n = 95.000) dos enfermeiros e 93,7% (n = 326.289) dos auxiliares e técnicos estavam empregados no momento da coleta dos dados. 35% dos enfermeiros (n = 36.903) exerciam a profissão entre 11 e 20 anos, e, 27,3% (n = 95.066) dos auxiliares e técnicos entre seis e dez anos (Tabela 4).

De acordo com a Tabela 4, a maioria dos profissionais possui apenas um emprego na área de enfermagem, sendo 69,4% (n = 73.174) enfermeiros e 74,7% (n = 260.126) auxiliares e técnicos. Em contrapartida, 8,5% (n = 8.962) e 11,1 (n = 38.653), respectivamente, possuem outra atividade remunerada fora da área da enfermagem.

Ao serem questionados sobre a jornada de trabalho, 43,5% (n = 45.866) dos enfermeiros e 48,9% (n = 170.283) dos auxiliares e técnicos, respectivamente, trabalham entre 31 e 40 horas. Uma parcela pequena desses profissionais possui uma jornada semanal de trabalho com mais de 60 horas, sendo 9,2% (n = 9.700) e 10,2% (n = 35.519). Instituições empregadoras públicas empregavam 38,3% dos enfermeiros (n = 40.383) e 34,3% dos auxiliares e técnicos (n = 119.442), enquanto que as privadas 21,7% (n = 22.880) e 21,6% (n = 75.217) respectivamente (Tabela 4).

Apenas as variáveis "tempo de trabalho em anos" e "natureza da instituição empregadora" apresentaram proporções diferentes entre enfermeiros e auxiliares e técnicos de acordo com o teste qui-quadrado (p < 0,05).

**Tabela 4** – Distribuição dos profissionais enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem segundo perfil do mercado de trabalho, São Paulo, Brasil, 2016.

		Enfermeiro		Auxiliar/Técnico		P-valor*	Total	
		Freq	%	Freq	%		Freq	%
Situação profissional	Empregado	95000	90,1	326289	93,7	0,098	421288	92,9
	Desempregado	5799	5,5	9750	2,8		15549	3,4
	Sem informação	4639	4,4	12188	3,5		16827	3,7
Tempo de trabalho em anos	0 – 5	19190	18,2	115263	33,1	0,000	134453	29,6
	6 – 10	21298	20,2	95066	27,3		116364	25,6
	11 – 20	36903	35,0	89146	25,6		126049	27,8
	> 20	21720	20,6	28555	8,2		50275	11,1
	Sem informação	6326	6,0	20197	5,8		26523	5,8
Número de emprego (s) na área da enfermagem	Um	73174	69,4	260126	74,7	0,519	333300	73,5
	Dois	21720	20,6	60591	17,4		82312	18,1
	Três	1687	1,6	2438	0,7		4125	0,9
	Mais que três	738	0,7	3830	1,1		4569	1,0
	Sem informação	8119	7,7	21242	6,1		29361	6,5
Horas semanais trabalhadas	≤ 30	4850	4,6	14626	4,2	0,360	19476	4,3
	31 – 40	45866	43,5	170283	48,9		216149	47,6
	41 – 60	26149	24,8	63029	18,1		89178	19,7
	> 60	9700	9,2	35519	10,2		45219	10,0
	Sem informação	18873	17,9	64770	18,6		83644	18,4
Natureza da instituição empregadora	Pública	40383	38,3	119442	34,3	0,022	159825	35,2
	Privada	22880	21,7	75217	21,6		98097	21,6
	Ensino e pesquisa	11071	10,5	13929	4,0		25000	5,5
	Autônomos	2109	2,0	4875	1,4		6984	1,5
	Outras***	10544	10,0	39350	11,3		49893	11,0
	Sem informação	18452	17,5	95414	27,4	113866	25,1	
Outras atividades fora da área da enfermagem	Sim	8962	8,5	38653	11,1	0,408	47615	10,5
	Não	96476	91,5	309574	88,9		406050	89,5
Total		105438	100,0	348227	100,0		453665	100,0

Fonte: Pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil” - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*A estatística de qui-quadrado é significativa no nível 0,05 na comparação entre as distribuições de enfermeiros e auxiliares/técnicos. \*\*Todas as porcentagens são referentes aos valores totais por coluna de categoria profissional e total. \*\*\*Foram consideradas outras naturezas das instituições empregadoras Cooperativas, Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), Organizações Sociais (OS) e Fundações.

## DISCUSSÃO

Segmentando o perfil dos 453.665 profissionais do Estado de São Paulo, diversos dados chamam atenção, como o aumento de profissionais do sexo masculino, como pode ser comparado com dados da pesquisa de Ortega *et al.* (2015) que analisou o perfil acadêmico de enfermeiros formados; a predominância de adultos jovens, uma vez que o perfil de formação dos estudantes de enfermagem tende a inseri-los no mercado de trabalho formal com essa faixa etária (SPINDOLA; MARTINS & FRANCISCO, 2008) e a concentração dos profissionais nas capitais.

A linhagem familiar na saúde e/ou na enfermagem se mostra presente, dado esse que mostra que os novos profissionais da área têm uma grande influência de pessoas próximas quando escolhem exercer a profissão, tal característica pode ser encontrada em estudo de nível nacional (MACHADO *et al.*, 2016).

A maioria dos enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem paulistas se auto declararam brancos, porém em pesquisa realizada com profissionais de todo o Brasil mostra que a maioria (53%) é negra ou parda (MACHADO *et al.*, 2016).

As diferenças sociais e econômicas são evidentes entre as categorias de enfermeiro (nível superior) e de auxiliar/técnico de enfermagem (nível médio), quando mais de 2/3 dos enfermeiros cursaram a Graduação em período integral e diurno, e quase metade dos auxiliares/técnicos estudou no período noturno, provavelmente porque precisavam trabalhar no período diurno (TEIXEIRA *et al.*, 2013). Verifica-se ainda que em ambas as categorias, a maioria se forma em instituições privadas de ensino técnico ou superior, dado semelhante em pesquisa realizada no estado do Paraná (RODRIGUES & CALDEIRA, 2009; TEIXEIRA *et al.*, 2006; 2013).

Percebemos que a oferta de cursos de enfermagem se concentra na região Sudeste e principalmente no estado de São Paulo. Isso nos mostra que os dados apresentados neste estudo reforçam os resultados apresentados em outras pesquisas (TEIXEIRA *et al.*, 2006; 2013).

Existe uma tendência dos profissionais se especializarem cada vez mais para uma melhor inserção no mercado de trabalho, principalmente os enfermeiros que buscam por cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*, em sua grande maioria, e *Stricto Sensu*. Tal sentimento de se pós-graduar já é observado nos estudantes, tanto de ensino técnico quanto no superior (COELNCCI & BERTI, 2012; SILVA *et al.*, 2013). Todavia, a maioria dos profissionais não se qualifica mais por falta de condições financeiras, de tempo, de excesso de trabalho e de falta de apoio institucional.

O acesso à leitura e a cursos predomina pela gratuidade e disponibilidade de acesso, destacando o uso de revistas e jornais, internet e cursos de proficiência do Sistema COFEN/COREN. Por outro lado, o acesso à internet é mais comum entre os enfermeiros, e poucos têm acesso à internet no trabalho, o que limita, tecnologicamente, a atualização e o bom desempenho profissional. Em editorial lançado em 1997, o dinamismo do uso da internet para acesso a novas informações

de forma mais rápida já era discutido (CALIRI, 1997). Para Santos e Marques (2006), as principais utilizações da internet pela enfermagem eram a de educação em saúde, o que permite ao profissional se capacitar a distância e a de pesquisas na área, que com a facilidade da ferramenta se tornam mais popularizadas. Verifica-se então que a utilização da internet colabora satisfatoriamente para o desenvolvimento da profissão.

Em relação à jornada de trabalho, a pesquisa traz um dado alarmante: os participantes revelaram trabalhar acima de 31 horas semanais, situação que contraria a recomendação da Organização Internacional do Trabalho. Tal esforço semanal pode acarretar a reações fisiológicas de estresse e outras doenças nos profissionais (DARLI *et al.*, 2014).

Contudo, as modalidades de contratação, bem como as diversas jornadas de trabalho mostram a complexidade dos vínculos. O setor comporta uma diversidade de jornadas de trabalho que vai desde 12 horas semanais, 20, 24, 32, 40 até 44 horas (MACHADO *et al.*, 2012).

No quesito mercado de trabalho, o setor público constitui o maior empregador do setor, mais especificamente, na esfera estadual. Contudo, não se pode desconsiderar a enorme relevância do setor privado na prestação de serviços de saúde no âmbito do SUS, através dos convênios com a rede hospitalar (CAMPOS *et al.*, 1995).

Mas, se não bastasse esse cenário complexo, o SUS enfrenta outro grave problema: a precarização do trabalho em áreas essenciais que deveriam estar estruturadas por profissionais qualificados e inseridos diretamente no Sistema Único de Saúde - SUS, através de concurso ou por seleção pública. Verifica-se hoje nas instituições de saúde, um considerável volume de contratações de serviços por terceirização (ABEN *et al.*, 1985), através de OS, OSCIP e Fundações. Os contratos temporários são outros fatores que contribuem para a rotatividade e instabilidade no mercado de trabalho da Enfermagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A enfermagem é uma profissão de utilidade pública e valor social inquestionável. Daí a necessidade de conhecer de forma sistemática, ampla e detalhada essa profissão essencial ao setor saúde, que traz consigo o maior contingente técnico do conjunto da força de trabalho em saúde do Brasil.

O resultado parcial apresentado na pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil” fornece bons subsídios para retratar a realidade do mercado de trabalho para a Enfermagem no Estado de São Paulo, haja vista a significativa abrangência de 96,3% de profissionais entrevistados inscritos no COREN-SP.

É evidente que trabalhadores sobrecarregados não produzem resultados satisfatórios. Quando o resultado da produção é a assistência direta a seres humanos em estado de vulnerabilidade, as consequências podem ser graves ou até mesmo fatais.

Em complemento, traz à tona um completo "retrato" da situação da enfermagem no estado de São Paulo para pensar políticas públicas, com o intuito de se obter um avanço nos planejamentos e programações, organizando um futuro melhor para a área no país.

Por fim, espera-se que o presente estudo possa promover discussões entre os Gestores das três esferas de governo, no sentido de aproximá-los do tema e das variáveis que envolvem o complexo contexto em que a enfermagem está inserida, sem nunca esquecer a sua grande relevância social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEN. Associação Brasileira de Enfermagem. **Levantamento de recursos e necessidades de enfermagem no Brasil, 1956-1958**. Brasília (DF), 1980.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Rede Observatório de Recursos Humanos em Saúde. Estação de Trabalho Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Núcleo de Estudos e Pesquisas de Recursos Humanos em Saúde. **Os Enfermeiros no Mercosul: Recursos Humanos, Regulação e Formação Profissional Comparada**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/96\\_enfermeiro1.pdf](http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/96_enfermeiro1.pdf)>. Acesso em: 26 mai. 2016.

COFEN, Conselho Federal de Enfermagem. **O exercício da enfermagem nas instituições de saúde no Brasil:1982/1983**. Rio de Janeiro, 1985.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Enfermagem em dados**, 2011. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/planejamento-estrategico-2>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

COREN-SP, Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. **Número de profissionais**, 2017. Disponível em: <<http://portal.coren-sp.gov.br/node/40194>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

COLENCI, R.; BERTI, H. W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 1, p. 158-66, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a22.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2017.



DONNANGELO, M. C. F. **Medicina e sociedade: o médico e seu mercado de trabalho**. Livraria Pioneira Ed., 1975.

DARLI, R. C. M. B. et al. Carga horária de trabalho dos enfermeiros e sua relação com as reações fisiológicas do estresse. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.22, n. 6, p. 959-65, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n6/pt\\_0104-1169-rlae-22-06-00959.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n6/pt_0104-1169-rlae-22-06-00959.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2017.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. **Perfil da Enfermagem no Brasil**, 2012. Disponível em: <<http://andromeda.ensp.fiocruz.br/perfildaenfermagem/index.php>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem no Brasil**, 2015. Disponível em: <<http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem-no-brasil>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, v. 5, 1999.

MACHADO, M. H. et al. Características da enfermagem: o perfil sócio demográfico. **Enfermagem em Foco**, v. 7, n. (ESP), p. 9-14, 2016. Disponível em: <<http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Caracter%C3%ADsticas-gerais-da-enfermagem-o-perfil-s%C3%B3cio-demogr%C3%A1fico.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

MACHADO, M. H.; STIEBLER, A. L.; OLIVEIRA, E. S. Construindo o perfil da enfermagem. **Enfermagem em Foco**, v.3, n.3, p. 119-22, 2012. Disponível em: <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/294/156>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

MEDICI, A. C. et al. **O mercado de trabalho em saúde no Brasil: estrutura e conjuntura**. In: O mercado de trabalho em saúde no Brasil: estrutura e conjuntura (Texto de Apoio). Rio de Janeiro. Escuela Nacional de Salud Pública, 1992.

ORTEGA, M. C. B. et al. Formação acadêmica do profissional de enfermagem e sua adequação às atividades de trabalho. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 3, p. 404-10, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n3/pt\\_0104-1169-rlae-23-03-00404.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n3/pt_0104-1169-rlae-23-03-00404.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2017.

RODRIGUES, R. M.; CALDEIRA, S. Formação na Graduação em Enfermagem no Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 3, p. 417-23, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n3/13.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

SAMARA, E. M.; TUPY, I. S. S. T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, v. 22010, 2007.

SILVA, K. L. et al. Expansão dos Cursos de Graduação em Enfermagem: dilemas e contradições frente ao mercado de trabalho. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, n. 5, p. 1219-26, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n5/pt\\_0080-6234-reeusp-47-05-1211.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n5/pt_0080-6234-reeusp-47-05-1211.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2017.

SPINDOLA, T.; MARTINS, R. C.; FRANCISCO, M. T. R. Enfermagem como opção: perfil de graduandos de duas instituições de ensino. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 2, p. 164-9, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a04v61n2>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

TEIXEIRA, E. et al. Panorama dos cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil na década das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. (esp), p. 102-10, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66nspe/v66nspea14.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

TEIXEIRA, E. et al. Trajetória e tendências dos Cursos de Enfermagem no Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 4, p. 479-87, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2670/267019620001/>>. Acesso em: 14 dez. 2017.